

Projeto Conhecimento

Entre Colunas

Dezembro de 2023 - ANO I – Nº 003

VATICANO
MAÇONARIA



LOJA LANÇA SUA COLEÇÃO



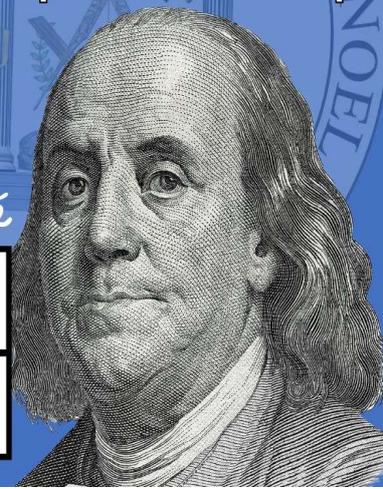
AINDA NESTA EDIÇÃO:

- BOOZ ou BOAZ?
- Forjando o Venerável Mestre
- Morte e suas interpretações
- Todo maçom deveria ser parecido com um lápis

E MAIS:

meu nome histórico é

**BENJAMIM
FRANKLIN**



EDITORIAL

Meus Amados Irmãos!

Todo final de ano é aquele momento de reflexão, de novas perspectivas e até de promessas impossíveis, convidando-vos a fazermos isso juntos e voltados para a maçonaria. Como maçons, livres e de bons costumes poderíamos mudar o rumo de nossa caminhada atual, redirecionando nossos caminhos para seguirmos juntos num só, escolhido em conjunto mesmo que não satisfaça todos os objetivos individuais, mas que alcancemos objetivos comuns.

Precisamos nos atentarmos para os últimos acontecimentos globais, estamos convivendo com rupturas de antigas estruturas societárias e a emergência de uma nova ordem mundial. Ficar atento as mudanças é nosso dever. Não podemos deixar que conflitos nos separem, jamais!

Compreender os outros no mundo em que vivemos é prioridade, estamos na era das doenças da mente, nossos irmãos precisam de acolhimento, precisam de um abraço fraterno. Não podemos olhar para o futuro se nosso presente está abalado pelo que não entendemos ou aprendemos com o passado. É o momento da reflexão para a reconstrução de novos rumos.

A Maçonaria por mais progressiva que seja, mesmo operando nessa nova realidade, de valores, de sentimentos, pensamentos e de vivência dentro e fora do nosso ambiente, não pode e nem deve esquecer suas origens e tradições, bem como, nossa visão mecanicista para uma visão mais holística, pois o futuro está nos reservando possibilidades de reflexão para mudanças, este sempre será nosso dilema: tradição x progresso.

Seria este o momento de refletirmos para novos questionamentos, discussões e análises rumo a uma transformação, ou, (Re)construção da Maçonaria?

Não estamos aqui para criar polêmicas, e muito menos instigar contra nossa Organização de construtores sociais, de formadores de opinião, de condutores anônimos da sociedade, afinal somos a única instituição no mundo capaz de atuar como agentes catalizadores da mudança diante da história mas, para levar a cada um em particular, a uma reflexão, que possa auxiliar a humanidade nesses momentos de mudanças, a qual não é permanente, e a sociedade humana, através de sua capacidade de adaptação às mudanças, tem se tornado uma estrutura bem sucedida.

Quando nos unirmos em prol de um objetivo comum, deixaremos nosso exemplo para os irmãos do futuro terem como dar continuidade ao trabalho e seguirem também juntos na mesma trilha que deixaremos pavimentada para todos.

EXPEDIENTE

Editor: Ir.: Fábio C. de O. Neves
Tel: (91) 98831-8131
E-mail: projetoconhecimento.fanoel@gmail.com

Redação: Ir.: Dhyego Alessandro Costa
Tel: (91) 99172-5011

As opiniões expressas pelos autores nos artigos individuais não representam a orientação e pensamento da direção da Revista.

Para qualquer informação, escreva para projetoconhecimento.fanoel@gmail.com ou entre em contato com a redação.

Para o mesmo endereço de e-mail, é possível enviar suas contribuições exclusivamente em formato Word.

Agradecemos a todos os irmãos que contribuíram com o conteúdo da revista com seu trabalho nesta edição.

ÍNDICE

CAPA – CATÓLICOS X MAÇONS	Pág. 02
CAPA – RESENHA DE LANÇAMENTO	Pág. 04
O SIMBOLISMO DA MORTE NO RITO ADONHIRAMITA	Pág. 06
TUDO O MAÇOM DEVERIA SER PARECIDO COM UM LÁPIS	Pág. 08
FORJANDO O VENERÁVEL.....	Pág. 09
BOOZ OU BOAZ?	Pág. 11
A CORDA DE 81 NÓS	Pág. 14
O SEGREDO DO ARCO REAL.....	Pág. 15
MEU NOME HISTÓRICO	Pág. 17
OS AUTORES.....	Pág. 18



A.: R.: L.: S.: FANOEL 2235
FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO
PARÁ
TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

CAPA

CATÓLICOS X MAÇONS

por: Fábio C. de O. Neves

Os católicos continuam proibidos de se filiar à maçonaria. É o que reafirma a resposta do Dicastério para a Doutrina da Fé datada de 13 de novembro de 2023, assinada pelo prefeito Victor Fernández e com a aprovação do Papa Francisco. O Dicastério respondeu a uma solicitação de dom Julito Cortes, bispo de Dumaguete, nas Filipinas. Cortes, "depois de ilustrar com preocupação a situação em sua diocese, devido ao aumento contínuo de fiéis filiados à maçonaria, pediu sugestões sobre como lidar adequadamente com essa realidade do ponto de vista pastoral, levando em conta também as implicações doutrinárias".



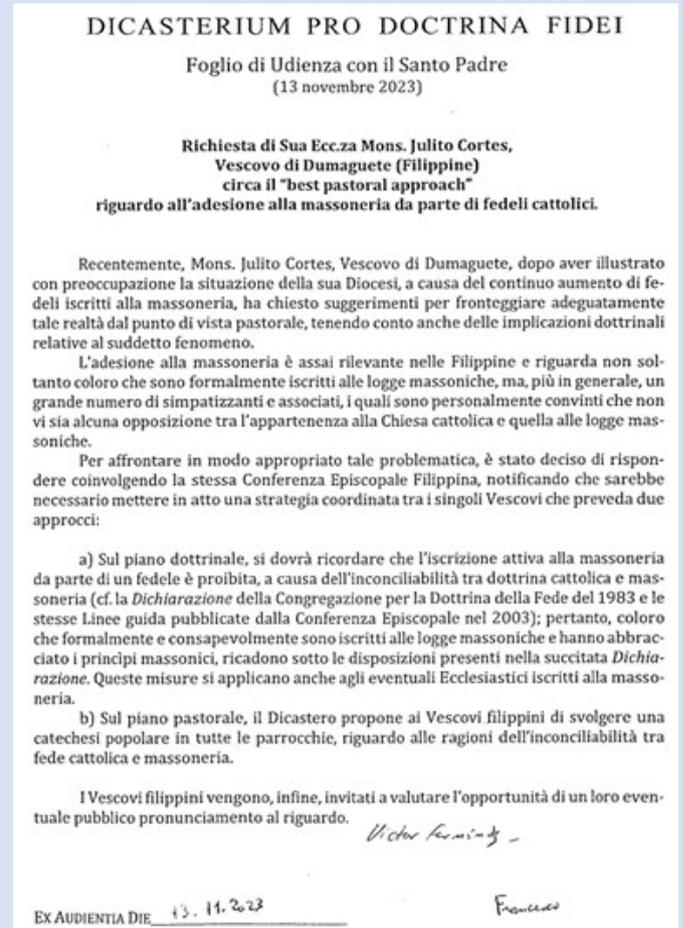
Dicasterio para a Doutrina da Fé

Em resposta à pergunta, o dicastério decidiu responder envolvendo também a Conferência Episcopal das Filipinas, "notificando que seria necessário implementar uma estratégia coordenada entre cada bispo que envolve duas abordagens".

A primeira diz respeito ao nível doutrinário: o dicastério reitera que "a filiação ativa de um fiel à maçonaria é proibida, devido à irreconciliabilidade entre a doutrina católica e a maçonaria (cf. a Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé de 1983, e as mesmas Diretrizes publicadas pela Conferência episcopal em 2003)".

Portanto, esclarece a nota, "aqueles que formalmente e conscientemente estão inscritos em lojas maçônicas e abraçaram os princípios maçônicos, se enquadram nas disposições da Declaração acima mencionada. Essas medidas também se aplicam a eventuais eclesiásticos inscritos na maçonaria".

A segunda abordagem diz respeito ao nível pastoral: o dicastério propõe aos bispos filipinos que "realizem uma catequese popular em todas as paróquias sobre as razões da irreconciliabilidade entre a fé católica e a maçonaria". Por fim, os bispos das Filipinas são convidados a considerar se devem fazer um pronunciamento público sobre esse assunto.



Essa relação entre o Vaticano e a Maçonaria tem sido marcada por inúmeras controvérsias, desde o século XVIII, a igreja católica vem condenando a maçonaria argumentando que seus princípios são incompatíveis com a doutrina cristã.

ORIGENS DO CONFLITO: A hostilidade do Vaticano a Maçonaria remonta ao século XVIII quando a igreja católica começou a condenar a maçonaria, uma das objeções da igreja em relação a maçonaria é a crença na liberdade religiosa vista pela igreja como um relativismo moral que mina os fundamentos da fé cristã.



Além disso a maçonaria é uma associação secreta, uma característica que alimentou suspeitas e teorias conspiratórias ao longo dos anos.

A **CONDENAÇÃO PAPAL**: A oposição da igreja católica a maçonaria foi formalizada em várias encíclicas papais sendo a mais proeminente a Encíclica *Humanum Genus* de 1884 do papa Leão XIII, nessa encíclica o papa caracteriza a maçonaria como uma sociedade secreta que representa uma ameaça a religião e a ordem social. Essa condenação oficial solidificou a posição da igreja contra a maçonaria.

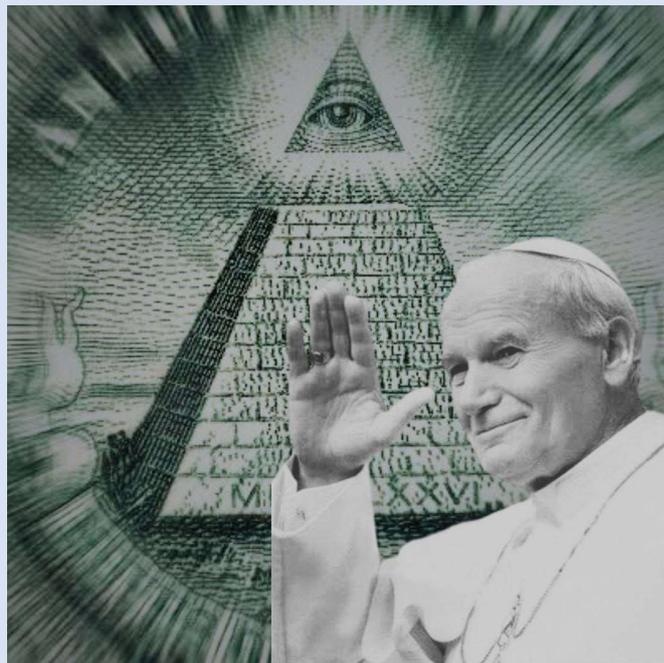


PROIBIÇÕES ATUAIS E CONTROVÉRSIAS: Em 1983 o Vaticano emitiu uma declaração reafirmando a proibição da filiação de católicos a maçonaria. A declaração destacou que a filiação a maçonaria é considerada um pecado grave para os católicos, uma posição que continua sendo motivo de controvérsia dentro da comunidade católica, alguns alegam intolerância religiosa enquanto outros apoiam a proibição em defesa da fé católica.



REFLEXÕES: A proibição da filiação de católicos a maçonaria continua sendo uma questão polêmica, enquanto a igreja continua defendendo sua posição com base em

princípios religiosos, críticos contra argumentam que isto é uma forma de intolerância religiosa. O conflito persistente entre o Vaticano e a Maçonaria destaca desafios contemporâneos na conciliação entre liberdade religiosa e dogmas religiosos.



A relação tumultuada entre o Vaticano e a Maçonaria que é um reflexo de séculos de desconanças e conflitos ideológicos. A posição da igreja católica a maçonaria enraizada em sua interpretação da doutrina cristã persiste como uma questão complexa e controversa.

O desafio reside em encontrar um equilíbrio entre a proteção a fé católica e o respeito pela liberdade religiosa, uma tarefa que continua a desafiar líderes religiosos e fiéis em todo mundo.



GRUPO
GUARDIAN
SERVIÇOS

**Solução Completa
para o Seu Condomínio**

Gestão Condominial (c/ Inadimplência Zero) • Portaria
Serviços Gerais • Zelador • Jardinagem • Outras



91 99296-9232



91 3226-1946

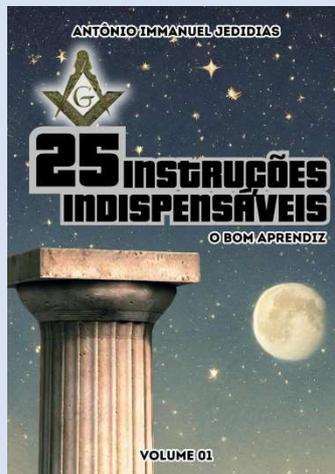
CAPA

RESENHA DE LANÇAMENTO

por: Emanuel Tadeu Machado

Estará disponível em breve, para toda a Comunidade Maçônica, os livros da coleção Instruções Indispensáveis, cuja edição independente foi levada adiante por um grupo de Irmãos Maçons, que entenderam a necessidade de levar adiante um projeto pedagógico e inovador dentro do complexo ambiente literário maçônico.

Após alguns anos de pesquisa e meses de labor literário, chegaram a organizar a coleção em três volumes. No primeiro seguem 25 instruções voltadas aos Aprendizizes, e tem como subtítulo “O Bom Aprendiz”. Já no segundo volume são 20 instruções, com o subtítulo “O Companheiro em Formação”. E por fim no terceiro e último volume serão 15 instruções voltadas ao Mestre Maçom, com o subtítulo “O Mestre em Plenitude”.

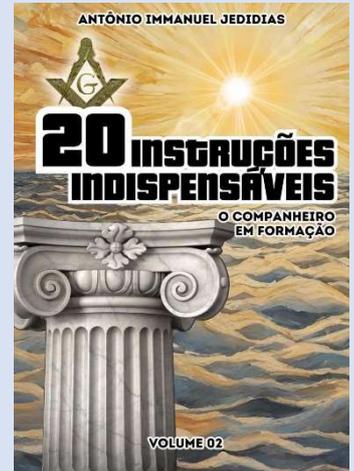


Os livros foram escritos a seis mãos, pelos Mestres Maçons Fábio Neves (*Ir. Antônio*), Dhyego Alessandro (*Ir. Jedidias*) e Emanuel Machado (*Ir. Immanuel*), todos pertencentes ao quadro de obreiros da A.R.L.S. Fanoel 2235, filiada ao GOEPA. Os Irmãos subscritores possuem formação acadêmica e em cultura geral, sendo licenciados em Matemática, História e Física, respectivamente. Também possuem anos de experiência como professores em suas formações, bem como em estudo e pesquisa em áreas afins voltadas ao saber maçônico, filosófico e humanista.

As obras são organizadas em instruções curtas, que podem ser utilizadas em qualquer Loja Maçônica, sendo uteis quando lidas no momento da instrução. Seus temas podem fomentar profícuo debate

em Loja, que poderá contribuir para o arcabouço cultural, filosófico, esotérico e clássico dos Irmãos, haja vista que abordam temas variados, de interesse maçônico, tratando de seu simbolismo e sua ética. Cada tema foi pensado objetivando que o leitor procure aprofundar os conhecimentos contidos no texto, instigando-o a pesquisar mais acerca de cada assunto.

Tanto Aprendizizes como Companheiros encontrarão importantes elementos para o estudo e a pesquisa do seu grau, bem como a uma ampliação de seus horizontes de pensamento, estando sujeitos, ainda, ao entendimento do significado das pequenas iniciações diárias pelas quais passa no decurso de sua formação maçônica. Os Mestres encontram nestes primeiros volumes importantes elementos para subsidiar a formação dos Aprendizizes e Companheiros sob sua tutoria.

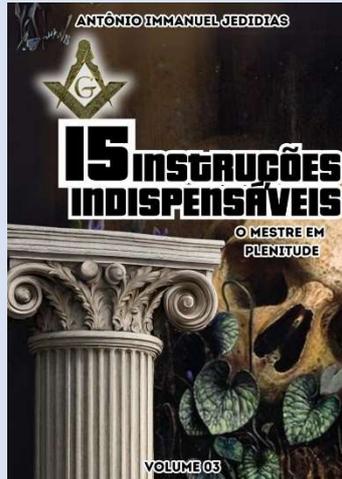


O Mestre Maçom também poderá encontrar no terceiro volume um aprofundamento dos conhecimentos trabalhados em seu grau, e os elementos iniciáticos que lhe são fornecidos serão de grande importância para a sua jornada no mestrado maçônico. Os dois primeiros volumes também possuem importância pedagógica ao Mestre, haja vista que ele deve seguir aperfeiçoando o que aprendeu nos graus anteriores, bem como adquirir a humilde postura empática por aqueles órfãos que ainda estão “*sob mui fraca luz*”. E o trabalho do Mestre é invalidado se não vier acompanhado pela dedicação aos filhos da viúva.

Em um primeiro contato o leitor poderá imaginar que estes volumes são “mais do mesmo”, haja vista a enorme literatura maçônica que se encontra disponível aos estudantes, em muitos temas que já foram amplamente explorados por vários estudiosos, sejam



eles maçons ou profanos. Porém o foco inédito destes livros é tratar sinteticamente de temas de interesse esotérico, filosófico e iniciático, primando por oferecer um leque de instruções que além de serem indispensáveis ao estudo esotérico maçônico, também são imprescindíveis para a formação humanística do Maçom, contribuindo para a observância aos princípios éticos indispensáveis ao ideal civilizatório que a Maçonaria representa.



A ética e o esoterismo maçônicos são atemporais, no entanto sua importância é subestimada em Loja. Para exercer o trabalho sob a pedra bruta, o qual não cessa nunca, nem após a exaltação aos graus superiores, é necessário ter em mente que o cultivo da ética é condição indispensável. O reto agir se configura como um tributo a ser pago ante o tribunal da própria consciência, e é preocupante o número de maçons que não levam como prioridade o exercício da justiça, dentro e fora de suas consciências, e que transformam a divina maçonaria em um tipo de clube, deixando de lado os ideais éticos, iniciáticos e altruístas, que por séculos nortearam e permearam esta nobre instituição.

Assim, esperamos que estes volumes contribuam como uma semente a ser plantada na consciência dos leitores, visando a fomentar o cultivo do estudo e da pesquisa, que terão desdobramentos tanto na vida pessoal de cada obreiro, como nas ações altruístas da Loja, que agora serão permeadas pelos ideais históricos e universais que compõem a sabedoria maçônica. Tudo isto para o bem da ordem em geral e para o bem do quadro de notáveis que deve sempre compor cada Loja, eis que o Maçom é um espírito diferenciado, e como tal deve se portar.



O SIMBOLISMO DA MORTE NO RITO ADONHIRAMITA

Por: Mário Sérgio dos Santos Nascimento

O fascínio e o terror causados pela morte são aspectos que se fazem presente há bastante tempo na Civilização, chegando a se tornar fonte inspiradora para filosofia e diversas religiões. Para alguns, o tema morte é desconfortável, pois deixa claro a ideia de finitude humana, sendo objeto de estudo de diversas pesquisas.



A atual visão sobre a morte foi definida através de herança cultural que as antigas gerações deixaram. Após a morte, os justos vão para o paraíso, buscando obter o conforto que não conseguiram em vida. A morte é inevitável, para algumas doutrinas morte e vida se relacionam de forma suave em outras a morte é temida, é uma punição, causando estranhamento do homem diante deste evento perturbador. Para o homem entender a morte ele a personifica, cria uma série de imagens artísticas que a simbolizam, como é percebido através da figura da caveira com uma foice.

Todos estão sujeitos à morte, isso não é uma anomalia, é uma etapa normal, natural e irremediável do ciclo da vida, morrer faz parte do nosso nascimento. Mas, a morte tem sentido simbólico, e é esse sentido que o texto objetiva analisar, o simbolismo da morte no Rito Adonhiramita.

Quanto ao símbolo, Blummer (1969), define como qualquer coisa que pode ser indicada, qualquer coisa que pode ser apontada ou referida: um livro, uma legislatura, um profissional de qualquer área, uma doutrina religiosa, uma doutrina filosófica, um artefato, um fantasma, uma fase da vida e assim por diante, que podem ser de três tipos: físicos (coisas), sociais (pessoas) e abstratos (ideias).

A morte é um símbolo abstrato e pode ser interpretada como elemento de ligação com seres divinos e superiores, marca o fim de uma era e o início de outra, mudança de fases da vida. Esses sentidos e tudo que é encontrado em seu interior, são dados pelo indivíduo que pode manusear e até modificar seus significados.

Homens livres e de bons costumes são aceitos na Maçonaria, a iniciação na Ordem, exige do candidato à submissão ao ritual de passagem, do mundo profano ao maçônico, assim, segundo os preceitos Adonhiramita, em um determinado momento o profano visita a Câmara de Reflexão, espaço físico que pode ser entendido como o interior do ser humano, que através do autoconhecimento consegue perceber pontos fortes e fracos da personalidade e do comportamento, sendo estes otimizados ou anulados. A Câmara é o local simbólico de morte e nascimento do indivíduo e para que nasça o novo homem, o velho precisa morrer e a este é solicitado adotar um nome histórico, pois a nova vida requer um novo nome. Na prática traços do novo e do velho indivíduo coabitam o mesmo ser.



No entendimento de algumas religiões e também da Maçonaria, um dos principais objetivos do ser humano é a evolução, o aperfeiçoamento, para tanto tem a liberdade que o responsabiliza por suas escolhas de vida: seja de viver de acordo com seu egoísmo, individualismo e outros vícios morais, seja de superar e viver de acordo com as leis do desenvolvimento do universo, do processo evolutivo. A compreensão sobre os efeitos das escolhas do modo de viver em sociedade

permite ao indivíduo atingir a maturidade de uma consciência interior, de se ver responsável por seus atos, abandonando ações que não contribuem com sua evolução, adotando comportamentos de amor e respeito ao próximo.

Ações como essas precisam ser praticadas diariamente, tornando a existência humana um lugar e um espaço de experimentação, de exercício de evolução e de consciência da importância do outro no processo, buscando sempre o aperfeiçoamento moral, que de acordo com o ritual, o Maçom tem obrigação de “forjar algemas ao vício e cavar masmorras ao crime”, é a prática da virtude, que exige que se busque referências comportamentais diferentes das que foram adotadas até agora.



Os iniciados na arte real devem procurar sempre o caminho da evolução espiritual e consequentemente material, sendo necessário melhorar a forma de pensar, de perceber a vida, para manter a mente clara, é preciso adotar novos hábitos. Os rituais da maçonaria traçam e marcam o caminho do autoconhecimento, propiciando a morte simbólica do ser comum da personalidade egoísta. Nesse caso, a morte se apresenta como o autodomínio de uma parte do indivíduo. Morrer é ser iniciado, a iniciação é a lição da morte e nascimento.

“Após a morte, vem o renascimento onde se lhe é revelado uma nova luz e seu cérebro, sua mente, fortalecida pela vitória sobre os terrores da morte, abre-se a compreensão de ideias mais elevadas e

devotamentos mais puros e mais fraternos”. (Ritual 3º grau, p. 142).

Portanto, a orientação maçônica considera que é morrendo para os vícios, preconceitos e obscurantismo que se inicia na ordem. É o ritual de passagem do profano ao maçônico, sendo uma das formas de aprimoramento humano, aprimoramento que depende de cada um.

O estudo dos símbolos e sua importância no cotidiano conduz as grandes reflexões e conclusões, como a percepção de que os símbolos são mediadores do comportamento humano.

Referencia

- GRANDE ORIENTE DO BRASIL. **Ritual:** Rito Adonhiramita. São Paulo. 2009.
- BLUMER, H. **Symbolic Interactionism.** Perspective and Method. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1969
- DIAS, P. R. C. **Ritos e Rituais** - Vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para à sociedade. Revista VIDYA, v. 29, n. 2, p. 71-86, jul./dez., 2009 - Santa Maria, 2010.
- POZARNIK, Alain. **A morte iniciática do maçom, símbolo ou realidade?** Revista Franc-Maçonnerie, novembro 2013.

TODO O MAÇOM DEVERIA SER PARECIDO COM UM LÁPIS

Por: Antônio Ricardo Borges dos Santos



O Aprendiz olha atentamente o Mestre a escrever algo. A certa altura pergunta:

– O Mestre está a escrever uma história que aconteceu consigo e os seus aprendizes durante os períodos dos seus ensinamentos? Por acaso, é uma história sobre mim?

O Mestre parou de escrever, sorriu, e disse ao jovem Aprendiz:

– Estou a escrever sobre ti mesmo, é verdade. Entretanto, mais importante do que as palavras, é o lápis que estou a usar. Gostaria que tu fosses como ele, quando terminares o teu período de Aprendiz.



O Aprendiz olhou para o lápis, intrigado, e não viu nada de tão especial... e disse:

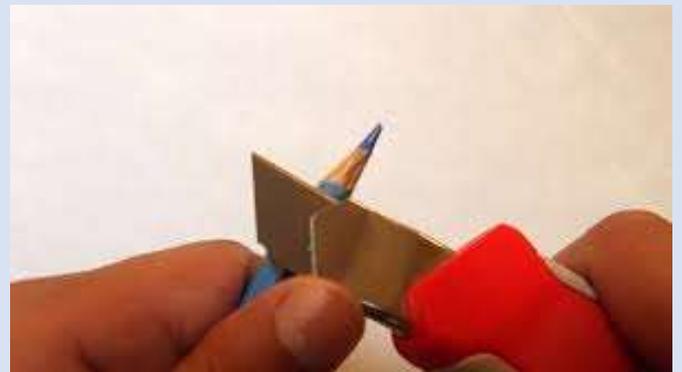
– Mas ele é igual a todos os outros lápis que conheço!

O Mestre respondeu:

– Tudo depende de como se vê as coisas. Há nele cinco qualidades nele que devem ser atingidas no final dos seus ensinamentos o que fará de ti uma pessoa capaz de viver em paz com o mundo:

– **Primeira:** podes fazer grandes coisas, mas não nunca te deves esquecer que existe uma mão que guia os teus passos. A essa mão chamamos **Grande Arquiteto do Universo**, e ela deve conduzir-te sempre em direção à sua vontade.

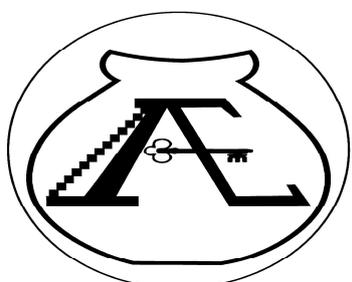
– **Segunda:** de vez em quando é preciso afiá-lo. Isso faz com que o lápis sofra um pouco, mas no final, ele está mais afiado, mais pronto. Portanto, sabe suportar algumas dores, porque elas irão fazer de ti uma pessoa melhor.



– **Terceira:** o lápis permite sempre que usemos uma borracha para apagar aquilo que estava errado. Entende que corrigir uma coisa que fizemos não é necessariamente algo mal, mas algo necessário para nos manter no caminho do que é certo.

– **Quarta:** o que realmente importa no lápis não é a madeira ou o seu formato, mas a grafite que está lá dentro. Assim, cuida sempre daquilo que acontece dentro de ti.

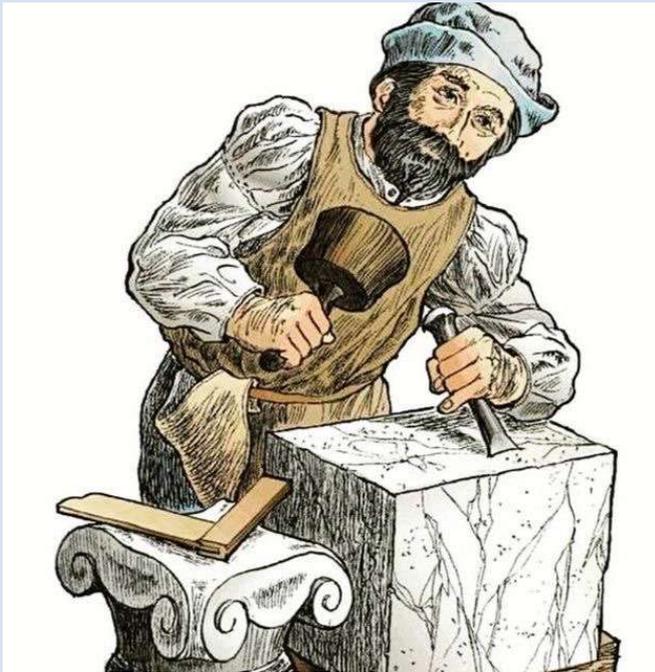
– **Quinta e última qualidade:** o lápis deixa sempre marcas. Da mesma forma, deves saber que tudo o que fizeres na vida irá deixar marcas. Procura ser consciente de cada ação que fizeres e tenta antecipar as marcas que irá deixar.



FORJANDO O VENERÁVEL

Por: Dhyego Alessandro Costa

Se existe algo que não se pode ser negado dentro da Ordem, é a sementeira do tédio, por meio das sessões apinhadas de inércia, amolação e letargia. O ritual parnasiano e rebuscado traz a sonolência para os que não entendem o que é dito ou executado. Ora! não se trata do venerável promover batidas teatrais para cada ação na ritualística. Nada mais patético do que isso. Também não é o caso de tornar a sessão um simples espelho refletido do que se passa no mundo e negar à Ordem seu papel transformador.



O venerável que, simplesmente, quer reproduzir na sessão o que há de mais dogmático no ritual, estimula uma sessão a reboque e reforça a ideia de perda de tempo aos mais desejosos por algo diferente. É uma atitude empobrecedora da parte do líder da Loja. De todos os defeitos de uma sessão, a opção pela mediocridade talvez seja a pior. Porém, o maçom não deve esquecer: nenhuma sessão pode concorrer com espetáculos teatrais televisivos. O show *business* sempre estará, em recursos e dinamismo, à frente do que o Venerável poderá fazer no comando de sua sessão. Há uma verdade inerente em cada líder de loja que carrega e ostenta um esquadro em seu colar: Ele idealiza à Loja sua imagem e semelhança. E quando os desdobramentos na ritualística não saem da forma que ele quer, alguns esquecem do lugar onde estão sentados e advertem, na frente de todos, seu alvo desatento. Passam de autoridades a autoritários. E muitos irmãos

percebem essa distinção e reconhecem, na figura do Venerável, um déspota, criando um sentimento de desafeto durante a sessão. O Venerável deixa de assumir, para os irmãos, a identidade de homem sábio que o seu cargo propõe. A legitimação da autoridade só ocorre se há intensa energia e disposição investidas nisso, coerência constante entre o que é dito e as ações provenientes desse discurso.

Já fui venerável, não fiz uma gestão perfeita, como todos os que passaram pelo trono de Salomão, também não fizeram, mas busquei me empenhar no que me foi proposto, junto com os irmãos que mais trabalhavam, mudei a Loja, o rito e os costumes, alguns saíram porque não concordavam com as mudanças, vários outros chegaram pelo mesmo motivo e também pela maneira com que a Loja estava sendo gerida. Fiz o que deveria ser feito da Loja, minha imagem e semelhança: pouco abalável, evitei excessos e arroubos, pouca teatralidade, mais objetividade, mantive na ritualística a linearidade dos estudos e o tom plano que precisava para promover os desdobramentos que a Loja necessitava. De forma até presunçosa, nesse momento, dou algumas dicas para o venerável, que ainda pensa que é inviolável e sagrado, para gerir bem uma Loja:



1. Ter em mente a clareza de seu papel: Você é o gestor da Loja e deve ter autoridade.

2. Você é só mais um que foi eleito para um cargo e carrega uma missão passageira e não a de um rei com direito divino de governar em uma missão eterna.



3. O avental e o colar coloridos, unido à joia do esquadro não te torna infalível. Você é um ser humano e pode errar. Porém, reconhecer suas limitações é a direção certa para o crescimento maçônico.

4. Quando estiver em uma sessão, seja no primeiro malhete ou em outra Loja, esteja inteiramente ali. Observe, reavalie, preste atenção na sessão.

5. Tecnologia, materiais diversificados e inovações ajudam a tornar as sessões mais atraentes e motivadoras, porém, o fio condutor dessa mistura toda é o venerável.



6. Em uma instrução, ao perceber os ritmos de aprendizados diferentes, faça sempre pausa nas leituras e explique o parágrafo lido. Esqueça a doutrina lacônica, pergunte, abra espaços para objeções e críticas, ilumine possibilidades.

7. Elabore um calendário e dilua as ideias de palestras, datas comemorativas e eventos por ele. Improvisar demais, pode esgotar seu arsenal de ideias em poucas semanas, fazendo com que as sessões voltem ao trivial.



8. Não seja, de forma alguma, conivente com violência verbal, deboches e humilhações por parte dos mais experientes em relação aos aprendizes.

9. Sempre socialize as angústias da Loja, seja ela afetiva, emocional ou financeira. Nunca tente resolver nada sozinho.

10. Toda pessoa gosta de elogios. Se você, como venerável, pratica o exercício da observação com os aprendizes, descobrirá qual a melhor ocasião para fazer isso (principalmente se ele vier demonstrando crescimento), sem superficialidade nem demérito para os demais.

11. Seja o primeiro a chegar no templo para organizá-lo para as sessões. Um ambiente organizado e agradável ajuda a manter a egrégora e a disciplina da ritualística. Fazer o serviço de limpar os castiçais, arrumar o altar dos perfumes e trocar as toalhas, não ofuscar o brilho da sua preciosa joia dourada, pelo contrário, isso mostra o exemplo do zelo pelo templo para os aprendizes. Perder esse tempo é, na verdade, ganhá-lo mais adiante.



Aqui finalizo com essas exposições e dicas para que uma Loja chegue, no mínimo, próximo do que é justo, pois a perfeição, só alcançaremos em outro plano.



BOOZ ou BOAZ?

Por: Willian Almeida de Carvalho

As discussões bíblicas sempre ocuparam um lugar de destaque nas minhas elucubrações intelectuais. Possui a Bíblia em mais de 15 línguas, do hebraico ao coreano, passando pelo esperanto e pelo afrikaner.

Há uns 10 anos atrás, depois de velho, comecei a estudar hebraico para tentar ler no original o Antigo Testamento.

Sempre me intrigou a divergência sobre a palavra Booz ou Boaz, citada várias vezes em inúmeros livros da Bíblia, sendo 25 vezes no Antigo Testamento e duas no Novo Testamento. Pela minha Concordância Bíblica (Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília: 1975, pg. 107) são 21 citações em Rute, uma em 1 Reis, 2 em Primeiro Crônicas, 1 em Segundo Crônicas, 1 em Mateus e 1 em Lucas.



Para efeitos de simplificação vou considerar somente Rute (Rt 2,1) e o nome de um par de colunas que se encontrava na frente do templo de Salomão (1 Rs 7,21).

O livro de Rute tem como subtítulo Rute nos Campos de Booz (ou Boaz dependendo da versão):

“Noemi tinha um parente por parte de seu marido, pessoa importante, do clã de Elimelec, cujo nome era Booz”. (Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Ed. Paulinas, 1980, pg. 415).

Em latim da Vulgata: ‘erat autem vir Helimelech consanguineus homo potens et magnarum opum nomine Booz’. (Bíblia Sacra–Luxta Vulgatam Versionem, Stuttgart: Deutsche Bibel-gesellschaft, 1983, pg. 359).

O livro de 1 Reis: “Ergueu as colunas diante do pórtico do santuário; ergueu a coluna do lado direito, à qual deu o nome de Jaquin; ergueu a coluna da esquerda e chamou Booz (ou Boaz)”. (Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Ed. Paulinas, 1980, pg. 518). Em latim da Vulgata: “et statiot duas columnas in porticum in porticum templi cunque stauisset columnam dexteram vocavit nomen eius lachin similiter erexit columnam secundam et vocavit nomen eius Booz”. (Bíblia Sacra – Luxta Vulgatam Versionem, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983,pg. 468).

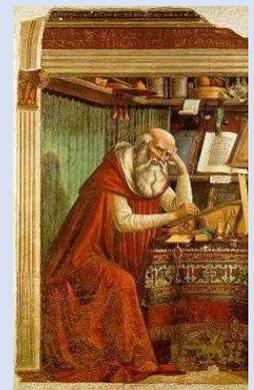
Depois de uns quatro meses de aula perguntei à minha professora Zahava de hebraico o que era בֹּזַז (leia-se obviamente da direita pra a esquerda com os sinais massoréticos criados pelos estudiosos judeus a partir do século VII d. C. para ajudar a grafar as informações transmitidas oralmente) e ela singelamente disse: Boaz.

Ai foi a minha vez de novamente perguntar: o que significa Booz? Ela espantada: o que é isso? Retruquei que era uma forma alternativa para a palavra Boaz. Ela riu e me disse: Isso não é hebraico, pois nele não existem vogais, somente os sinais massoréticos e muito menos dobra de vogais, a não ser em nomes próprios ou estrangeirismos.

Resolvida a questão com a dona da língua, passei a tentar entender por que o Booz, corruptela da palavra Boaz, penetrou no Ocidente. Entrei em contato com a Bíblia de Jerusalém, reputada de ter os maiores exegetas e conhecedores da Bíblia no mundo, em Paris, pois nos seus textos bíblicos sempre empregou a palavra Booz.

Encontrei um especialista de erudição beneditina e lhe perguntei: qual é o certo Boaz ou Booz? Respondeu-me serenamente: claro que é Boaz. Retruquei hora: por que a Bíblia de Jerusalém emprega a palavra errada ou corrompida: Booz? Ao que candidamente me respondeu: dado que São Jerônimo traduziu a Bíblia para o latim como Booz, a Igreja manteve a tradição até os dias atuais...

Como é de conhecimento geral, São Jerônimo terminou a versão denominada Vulgata da Bíblia, em latim, traduzido do grego e do hebraico, no ano 405 d.C. Era para os cristãos desde então, a versão universal da Bíblia até a Reforma quando Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, rompendo com o monopólio católico e da língua latina.



São Jerônimo

A tradução de Lutero para os dois textos acima já emprega o Boaz.

Veja-se o título do capítulo dois de Rute: “Rut liest Ähren auf dem Feld des Boaz” e a citação: “Es war aber ein Mann, ein Verwandter des Mannes der Noomi, von dem Geschlecht Elimelechs, mit Namen Boaz; der war ein angesehener Mann”. (Die Bibel nach Martin Luthers übersetzung, Stuttgart: Deutsche Bi-belgesellschaft, 1985, pg. 281).



O texto de 1 Rs 7,21 é: “Und er richtete die Säulen auf vor der Vorhalle des Tempels; die er zur rechten Hand setzte, nannte er Jachin, und die er zur linken Hand setzte, nannte er Boaz”. (Die Bibel nach Martin Luthers Übersetzung, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1985, pg. 359).

A versão inglesa do Rei James (Kings James Version – KJV) mantém o Boaz já que os protestantes não tinham por que manter a tradição de São Jerônimo. O capítulo de Rute apresenta no título a seguinte versão: “Ruth Works in the Field of Boaz” e o versículo é o seguinte: “And Naomi had a kinsman of her husband's, a mighty man of wealth, of the family of Elimelech; and his name was Boaz”. (Bible KJV).

O versículo de 1 Reis 7,21 é o seguinte: “And he set up the pillars in the porch of the temple: and he set up the right pillar, and called the name thereof Jachin: and he set up the left pillar, and he called the name thereof Boaz”. (Bible KJV).

A versão portuguesa da Bíblia traduzido por João Ferreira de Almeida reza: “Tinha Noemi um parente de seu marido, senhor de muitos bens, da família de Elimeleque; o qual se chamava Boaz”. (Bíblia, Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, 1969, pg. 288).

O versículo de Reis é o seguinte: “Depois levantou as colunas no pórtico do templo, tendo levantado a coluna direita, chamou-lhe Jaquim; e tendo levantado a coluna esquerda, chamou-lhe Boaz”, Bíblia, Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, 1969, pg. 365.

CONCLUSÃO:

O correto é a palavra Boaz, visto que pelo exposto, a vertente católica da Bíblia usa o Boaz numa homenagem tradicional a São Jerônimo; os protestantes, principalmente os anglo-saxônicos e germânicos por não terem a carga da tradição, usam a palavra certa.

Epílogo maçônico

Em época de globalização já é tempo da Maçonaria brasileira ver o que acontece no resto do mundo em relação às Colunas do Templo de Salomão: Boaz e Jachin. Não há mais desculpas de erros elementares depois da Internet.

O primeiro Ritual Maçônico publicado no mundo de forma clandestina que causou comoção foi “Masonry Dissected” de Samuel Prichard em 1730. Na página 18, desse repositório de informações do século XVIII, está lá a palavra em letra maiúscula: BOAZ.

Ainda no século XVIII, os maçons ingleses, com o clássico “Three Distinct Knocks” (Três Batidas Distintas) de 1760, já diziam: “the senior and junior Warden have each of them a Column in their Hand, about Twenty Inches long, which represents the two Columns of the Porch at Solomon's Temple. Boaz and Jachin”.

Dois anos depois em 1762, o “best seller” que desvendou os mistérios dos modernos trazia no seu título, em letras garrafais, o recado: “Jakin and Boaz”.

Em seguida, os franceses, já agora no século XIX também atacam de Boaz. Possui uma série de “Thuileurs” (Rituais) franceses do século XVIII e XIX, sendo que o mais famoso e raro é o de Delaunay que apresenta diversas palavras em hebraico com o nome corrompido e o nome retificado: “Noms corrompus Noms rectifiés Leur signification BOOZ BOHAZ en Force”.

Os ingleses desconhecem o Booz que é uma invenção, como se viu acima da Igreja Católica. Desconheço algum livro anglo-saxônico que empregue a palavra Booz.

Agora em tempos mais recentes, o clássico Bernard E. Jones, uma das maiores autoridades inglesas em maçonaria afirma que: “the pillar was named after Boaz...”.

Os norte-americanos, a começar pelo controverso Albert Pike, também desconhecem o que é Booz. O erudito Pike no seu clássico Moral and Dogma pontifica: “the word Boaz is בעז”.

Ainda nos norte-americanos, suas duas melhores enciclopédias sobre assuntos maçônicos desconhecem a palavra Booz. Robert Mackey na sua “Enciclopédia de Maçonaria”, no verbete Boaz (inexiste o Booz) declara que: “Boaz. The name of the left hand pillar that stood at the porch of King Solomon's Temple”. Henry Wilson Coil no seu afamado “Coil's Masonic Encyclopedia” no verbete Boaz que faz remissão aos “Pillars and Columns” apresenta o seguinte verbete: “The Two Pillars or Columns, Jachin and Boaz, with their Pannels”.

A revista “Philalethes” da Sociedade Philalethes nos EUA fundada em 1928 e que congrega estudiosos da maçonaria norte-americana também só usa Boaz conforme se observa no artigo sobre “The Great Pillar” do Ir. Harry L. Hay-wood:

“the names 'jachin' and 'boaz' by which the two pillars at Solomon's Temple were known, were in each instance a Hebrew form of those old Semitic root-terms. The Hebrews had their own language, religion, culture, but they all had come to them by inheritance, to a large extent, from



INSIDE
ANOS *****
Consultoria científica

the older peoples of the Near East, just as our own language, religion, and culture, thought it is peculiarly our own, came to us from Europe and Brit-ain”.

Harry Carr, o José Castellani britânico, apresenta várias citações com Boaz e nenhuma com Booz.

A maior e mais antiga Loja de Pesquisas Maçônicas do mundo, a “Quatuor Coronati”, de Londres, publicou até hoje 118 volumes dos seus “Ars Quatuor Coronatorum”, iniciados em 1886. Compulsando o índice geral de minha coleção completa anotei mais de 20 citações sobre Boaz e nenhuma sobre Booz.

E para terminar, os modernos acadêmicos maçons franceses também atacam de Boaz. Daniel Ligou no seu “Dictionnaire de la Franc-Maçonnerie” no ver- bete Boaz: “Seconde colonne du Temple que l’on traduit généralement par ‘dans la force’. Sur le symbolisme general.Cf, Colonne, Temple”.

Todas as Bíblias maçônicas nos EUA, que são versões do Rei James (KJV),constam a palavra Boaz.

Booz: Sic transit gloria mundi... e requiescat in pace...

Referências Bibliográficas do autor

Prichard, Samuel. Masonry dissected. London: Wilford, 1730 in Carr, Henry. World of Freemasonry. London: Lewis Masonic, 1985.

W_O_V_n, The Three Distinct Knocks, H. Srjeant, London, MDCCLX. Montana: reprint by Kessinger Publishing Company, 1992.

ANÔNIMO. Jakin and Boaz. London: MDCCLXII. Montana: Reprint by Kes-singer Publishing Company, 1992.

Delaulnaye. Thuileur des Trente Trois Degrés de L’Écossisme. Editions D’Aujourd’hui. Paris: 1979. Reimpressão em facsimile da edição histórica de 1821. Paris, pg. 370.

Jones, Bernard E. Freemasons’ Guide and Compendium. Londres: Harrap,1988, pg. 358.

Pike, Albert. Moral and Dogma. Charleston. A.D. 5641, pg. 9.

[vii] Mackey, Robert G. Encyclopedia of Freemasonry, Vol. II, Montana: reprint by Kessinger Publishing Company, pg. 134.

Coil, Henry Wilson. Coil’s Masonic Encyclopedia. Richmond: Macoy Publi-shing & Masonic Supply Co., 1995, pg. 476.

Haywood, Harry L. The Great Pillar. The Philaethes. Oct.Nov. 1947. Ligou, Daniel. Dictionnaire de la Franc-Maçonnerie. Paris: Presses Univer-sitaires de France, 1998, pg. 150.

Artigo disponível em:

<https://focoartereal.blogs-pot.com.br/2015/10/booz-ou-boaz.html?m=0>



INSIDE
ANOS *****
Consultoria científica

A CORDA DE 81 NÓS

Por: Antônio Dagoberto de Jesus Rios

O Dicionário de Termos Maçônicos nos diz que Corda de Oitenta e Um Nós é a corda que circunda a Loja, que simbolizam a União e a Fraternidade que deve existir entre todos os maçons da face da Terra.



A Corda de 81 Nós é um dos ornamentos do templo maçônico, em alguns ritos, e é encontrada no alto das paredes, junto ao teto e acima das colunas zodiacais (no caso do REAA).

Sua origem mais remota parece estar nos antigos canteiros – trabalhadores em cantaria, ou seja, no esquadrejamento da pedra informe – medievais, que cercavam o seu local de trabalho com estacas, às quais eram presos anéis de ferro, que, por sua vez, ligavam-se, uns aos outros, através de elos, havendo uma abertura apenas na entrada do local.



O nó central dessa corda deve estar acima do Trono (cadeira do V.:M.:) e acima do dossel, se ele for baixo, ou abaixo dele e acima do Delta, se o dossel for alto, tendo, de cada lado, quarenta nós, que se estendem pelo Norte e pelo Sul; os extremos da corda terminam, em ambos os lados da porta ocidental de entrada, em duas borlas, representando a Justiça (ou Equidade) e a Prudência (ou Moderação).

Embora existam cordas esculpidas nas paredes, em alto relevo, o ideal é que ela seja natural – de sisal – com os nós equidistantes em número de oitenta e um mesmo, coisa que nem sempre acontece, na maioria dos templos, tirando o simbolismo intrínseco da corda. E ela deve ter 81 nós, por três razões:

1. O número 81 é o quadrado de 9, que, por sua vez, é o quadrado de 3, número perfeito e de alto valor místico para todas as antigas civilizações: três eram os filhos de Noé

(Gênesis, 6-10), três os varões que apareceram a Abraão (Gênesis, 18-2), três os dias de jejum dos judeus desterrados (Esther, 4-6), três as negações de Pedro (Matheus, 26-34), três as virtudes teológicas (I Coríntios, 13-13). Além disso, as tríades divinas sempre existiram em todas as religiões: Shamash, Sin e Ishtar, dos sumerianos; Osíris, Ísis e Hórus, dos antigos egípcios; Brahma, Vishnu e Siva, dos hindus; Yang, Ying e Tao, do taoísmo, etc., além da Trindade cristã.

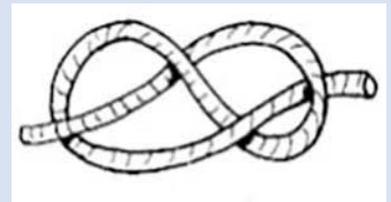
2. O número 40 (quarenta nós de cada lado, abstraindo-se o nó central) é o número simbólico da penitência e da expectativa: quarenta foram os dias que durou o dilúvio (Gênesis, 7-4), quarenta dias passou Moisés no monte Horeb, no Sinai (Êxodo, 34-28), quarenta dias durou o jejum de Jesus (Matheus, 4-2), quarenta dias Jesus esteve na Terra, depois da ressurreição (Atos dos Apóstolos, 1-3).

3. O nó central representa o número um, a unidade indivisível, o símbolo de Deus, princípio e fundamento do Universo; o número um, desta maneira, é considerado um número sagrado.

Embora alguns exegetas afirmem que a abertura da corda, em torno da porta de entrada do templo, com a formação das borlas, simboliza o fato de estar, a Maçonaria, sempre aberta para acolher novos membros, novos candidatos que desejem receber a Luz maçônica, a interpretação, segundo a maioria dos pesquisadores, é que essa abertura significa que a Ordem maçônica é dinâmica e progressista, estando, portanto, sempre aberta às novas idéias, que possam contribuir para a evolução do Homem e para o progresso racional da humanidade, já que não pode ser maçom aquele que rejeita as idéias novas, em benefício de um conservadorismo rançoso, muitas vezes dogmático e, por isso mesmo, altamente deletério.

Observamos ainda que o simbolismo e a utilização física da Corda é bem mais antigo, o Escritor Maçônico Irm. C.W Leadbeater nos diz que na antiga Maçonaria no começo do século dezoito se marcava no solo, com giz, os símbolos da Ordem, e este diagrama era circundado por uma corda pesada, ornamentada de borlas, e até hoje os franceses a descrevem como sendo “uma corda com lindos nós, que rodeia o painel”.

Esotericamente, a Corda de 81 Nós simboliza a união fraternal e espiritual, que deve existir entre todos os maçons do mundo; representa, também, a comunhão de idéias e de objetivos da Maçonaria, os quais, evidentemente, devem ser os mesmos, em qualquer parte do planeta, simbologia que todo maçom deve ter em sua mente em toda circunstância de sua vida.



O SEGREDO DO ARCO REAL

Por: João Anatalino Rodrigues

A ORIGEM DA LENDA

No rito do Arco Real os graus do Capítulo e extensivamente, nos graus filosóficos do REAA, uma das alegorias mais peculiares é a chamada Palavra Perdida. Esta palavra, que segundo a tradição, aparecia dentro de um triângulo emoldurado por um olho onisciente, era um símbolo de poder, que encerrava o mistério da criação. Para os israelitas que escreveram a Bíblia e detinham o segredo da sua verdadeira interpretação, esta palavra era o nome verdadeiro de Deus, que muitos poucos conheciam e menos ainda eram os que sabiam pronunciá-lo corretamente. Este nome conferia um extraordinário poder ao seu detentor, e quem detivesse esse conhecimento seria capaz de construir civilizações, mas também poderiam desafiar o próprio Deus.

A Maçonaria do Arco Real trabalha este tema através de uma interessante lenda envolvendo os antigos patriarcas antediluvianos. Esta lenda diz que Jubal, Jabel e Tubalcaim, tinham inscrito em duas colunas, uma de pedra, outra de tijolos queimados, todas as antigas ciências que os Irmãos da Fraternidade da Luz tinham ensinado aos primeiros homens. Esta ciência foi perdida por ocasião do grande dilúvio que afogou a antiga civilização, mas foi recuperada por um grande sábio egípcio chamado Thot, o qual a ensinou aos sacerdotes daquele país, razão pela qual os egípcios eram tão sábios nesses conhecimentos arcanos. [1]

A Fraternidade da Luz aqui referida é a Confraria dos anjos rebeldes, formada pela rebelião de Lúcifer, o anjo da Luz que se rebelou contra o Criador e foi expulso do céu com um grande contingente de seguidores, sendo arrojados na terra para cumprir uma pena de exílio. Seriam estes anjos rebeldes que teriam desencaminhado o homem, revelando-lhe o conhecimento do bem e do mal, referido na Bíblia. [2]

Na verdade, o conhecimento do bem e do mal, conforme referido no livro sagrado, seria de fato, as ciências que proporcionaram ao homem o desenvolvimento da sua civilização. Por isso, em todas as tradições dos povos antigos, existem lendas a esse respeito, atribuindo aos deuses (ou seres extraterrestres), a iniciação do homem nas ciências que fazem uma civilização. No Egito esta iniciação era atribuída a Osíris, na Pérsia a Mitra, na Índia a Indra, na Mesopotâmia a Enlil, na Grécia a Hermes. [3]

A UTILIZAÇÃO MAÇÔNICA DA LENDA

Jubal, Jabel e Tubalcaim eram descendentes de Caim, o amaldiçoado filho de Adão. Eles detinham estes conhecimentos, por isso se diz que eles foram rebeldes

contra o Grande Arquiteto do Universo, já que os repassaram aos homens, semeando também entre eles a rebelião. [4]

Os homens, tendo aprendido essa ciência, contra a vontade do Grande Arquiteto do Universo tornaram-se maus e arrogantes. Por isso Ele fez cair o pavoroso dilúvio que cobriu de águas toda a face da terra por mais de cento e cinquenta dias. [5]

A rebelião destes três homens, que representavam as artes, a técnica e a ciência daquele tempo, ficou conhecida nessa tradição como a rebelião dos companheiros, pois Jabel era perito nas artes da agricultura e pastoreio, Jubal era hábil em música e nas artes mais refinadas do espírito, e Tubalcaim um competente artífice em obras de ferro e bronze. [6]

Simbolicamente, esta lenda reflete uma interpretação cabalística da Bíblia, feita por alguns autores, que vêm nesse episódio um reflexo do conflito ocorrido nos céus entre o Mestre do Conhecimento (Aquele que pensa o universo, o seu Grande Arquiteto) e aqueles que o aplicam (os anjos construtores, os Demiurgos), que eram aqueles Anjos da Fraternidade da Luz, a quem o Grande Arquiteto do Universo constituiu mestres universais, para construírem o mundo que Ele tinha concebido. Esta concepção é fundamentalmente maçônica, mas a sua inspiração vem do Zhoar, o Livro do Esplendor, que introduz a Cabala judaica.

A saga de Noé, com a sua arca, e depois com o trabalho de reconstrução da humanidade destruída pelo dilúvio, é vista neste simbolismo como uma espécie de reconstrução do edifício universal, obra que o Grande Arquiteto do Universo confiou à família do piedoso patriarca.

Esta lenda explica também o episódio da Torre de Babel, onde o Grande Arquiteto do Universo precisou confundir as línguas faladas pelos homens, pois segundo essa lenda, Ninrode, o “poderoso caçador perante o Eterno”, rei dos acadianos, tinha encontrado as colunas gravadas e estaria a tentar aplicar os conhecimentos nelas contido para construir edifícios que tinham por meta pesquisar os segredos do céu, desafiando assim o poder do Grande Arquiteto do Universo. [7]

Por isso é que antigos maçons, antes que a Arte Real se tornasse uma instituição identificada por um nome, costumavam dizer sempre que a Maçonaria tinha sido aprendida diretamente dessas colunas erguidas pelos três descendentes de Caim, sendo a torre de Babel uma aplicação prática dessa arte. Todavia, com a confusão das línguas, a antiga sabedoria perdeu-se e deixou de ser comunicada à humanidade em geral. Apenas alguns homens de mérito, a critério do Grande Arquiteto do Universo, podiam deter esse conhecimento. Era como se fosse uma palavra que tinha sido perdida, por isso cunhou-se a Lenda da

Palavra Perdida. Este tema continua a ser desenvolvido na Lenda de Enoque, que é o tema de um dos capítulos do Arco Real e também do REAA. [8]

A FILOSOFIA DA LENDA

Aquele a quem a Palavra Perdida era comunicada assumia o compromisso de transmiti-la somente a outra pessoa cujo mérito fosse reconhecido pelo Grande Arquiteto do Universo. Porque esta era a sabedoria com a qual o mundo fora construído e todas as coisas podiam ser feitas. Por isso os homens perversos, e aqueles que não a conseguiam obter pelo mérito das suas obras tentavam obtê-la à força, destruindo povos e nações e cometendo toda a sorte de crimes e violência para obter esse poder. [9]

E este é (segundo a filosofia do grau), o motivo de todas as guerras e conflitos que existem no mundo, porque quem não consegue obter pela sua própria inteligência e trabalho as coisas que deseja ter, procura tomar de quem tem, usando a força ou a prática ardilosa, que geralmente degenera em crime.

Assim, a boa Maçonaria foi desenvolvida justamente para ensinar aos homens puros e de bons costumes essa antiga sabedoria que nos capacita a obtê-las com verdadeiro mérito.

Daí a razão de a Maçonaria se inspirar nos princípios e na prática dos antigos israelitas. Porque, segundo a lenda, a Israel bíblica foi a herdeira desses conhecimentos contidos nas colunas de bronze, as quais, segundo informa a Lenda de Enoque, essa sabedoria teria sido transmitida a Abraão e depois a Moisés, para que estes pudessem desenvolver a “maquete humana” do grande edifício cósmico que o Grande Arquiteto do Universo se propôs a construir. [10]

Mais tarde essa sabedoria, simbolizado pelo Nome Sagrado e chamado de Palavra Perdida, teria sido ensinada a Salomão e Adonhiram (o mestre Hiram do REAA), para que estes inscrevessem na estrutura de um edifício esses conhecimentos arcanos para que estes fossem registados para a posteridade. Resulta daí o simbolismo do Templo de Salomão, que na Maçonaria passou a ser o seu principal ícone.

Este é o simbolismo desenvolvido pelo ensinamento dado nos Capítulos do Arco Real, cujo paralelo também se encontra nos graus filosóficos do Rito Escocês. O que aí se propõe é que os maçons que frequentarem esses capítulos encontrem a “Palavra Perdida”, pois esta está oculta nos seus corações, já que o próprio homem é um templo vivo do Criador. E essa palavra é a sabedoria que ensina os homens a construir povos e nações, sustentados por colunas semelhantes à que suportavam o Templo de Salomão. Estabilidade e Força, refletidos na estrutura das

colunas Boaz e Jakin. As grandes realizações maçônicas do passado tiveram nesse simbolismo a sua maior inspiração. Talvez fosse o momento de os maçons de hoje começarem a procurar novamente essa Palavra, pois ao que parece, ela atualmente ela já se perdeu há algum tempo e precisa ser reencontrada.

NOTAS

[1] O deus egípcio Thot também era identificado com o Osíris, que antes da sua morte tinha sido um grande rei, a quem o Egito devia os princípios da sua civilização. Na Grécia esse personagem ficou conhecido como Hermes Trismegistus, o deus das artes e das ciências, que teria nascido anteriormente por três vezes no Egito, legando àquele povo, em cada encarnação, um ciclo de civilização. Segundo essa tradição Pitágoras, o grande matemático e filósofo grego, também teria aprendido a sua ciência diretamente dessa fonte.

[2] Génesis, 3:1. Este tema foi desenvolvido por John Milton no seu poema clássico “O Paraíso Perdido”.

[3] Veja-se, a propósito, as curiosas teses de Zecarias Sitchin, no seu livro “Décimo Segundo Planeta”, na qual ele interpreta os mitos sumerianos da criação (que inspiraram os cronistas bíblicos) como resultados de uma expedição realizada por seres extraterrestres.

[4] Simbolicamente, esta lenda está conectada ao Drama de Hiram, representado na elevação do Maçom ao grau de Mestre, no Rito Escocês. Ela simboliza a “traição dos companheiros”, que se voltam contra seu Mestre, exigindo dele um reconhecimento por um mérito não conquistado. Ressalte-se que o nome de Tubalcaim foi adotado como senha para o grau de companheiro Maçom justamente pelo fato de ser ele o “patrono” dos companheiros, ou seja, um prático que não detinha o grau de Mestre e quis, à força, obter o segredo do mestrado, (a palavra de passe) que lhe daria esse título.

[5] Génesis, 6:9

[6] Génesis, 4:17

[7] Ninrode era descendente de Cam, o amaldiçoado filho de Noé. Os edifícios em questão eram os famosos “zigurats”, templos construídos em forma de torre escalonada, que serviam de serviam para observações astronômicas. A propósito, o rei Ninrode era um importante personagem na Maçonaria operativa, tendo sido apontado, inclusive, como “pai da Maçonaria antiga”, conforme uma antiga Old Charge (o manuscrito Cooke, +- 1410).

[8] Vejam-se as nossas obras “Conhecendo a Arte Real” publicada pela Ed. Madras e Mestres do Universo, publicada pela Ed. Biblioteca 24x7.

[9] Este é centro do simbolismo desenvolvido pelo curioso Drama de Hiram. O poder deve ser conquistado pelo mérito, através do trabalho constante e do estudo metucioso. Os que o procuram obter pela violência e pela força terão sempre o destino dos Jubelos da lenda.

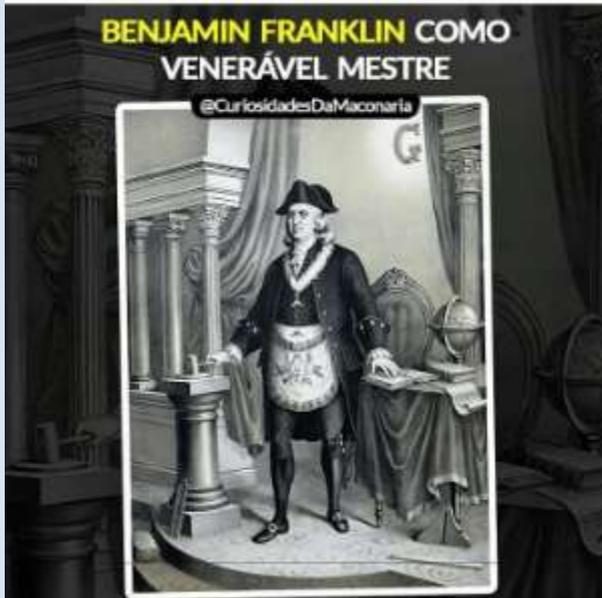
[10] Esta “maquete” foi a Israel bíblica, que se tornou um povo com Abraão e uma nação com Moisés. O simbolismo arcano do Templo de Salomão reflete essa sabedoria e na sua constituição revela-se a Palavra Perdida, que foi perdida novamente após a destruição daquele edifício e só é reencontrada nos mistérios da paixão de Cristo. Esse é o segredo revelado no simbolismo dos graus superiores do Arco Real e nos graus filosóficos do REAA.

MEU NOME HISTÓRICO: BENJAMIM FRANKLIN

Por: Lucas de Azevedo

fizesse regressar a Filadélfia, dando-lhe uma posição na sua empresa.

Deísta, e uma figura representativa do iluminismo, correspondeu-se com membros da sociedade lunar e foi eleito membro da Royal Society.



Esta é uma gravura onde aparece Benjamin Franklin (1706 – 1790) paramentado de Maçom, como Venerável Mestre. Acredita-se que a imagem é de cerca de 1770 a 1790. Foi ex-Embaixador dos Estados Unidos, na França em 1776, jornalista, editor, filantrópico, cientista e intelectual norte americano e conhecido por suas citações e experiências com a eletricidade.

Benjamin Franklin nasceu em Milk Street, Boston. O seu pai, Josiah Franklin, era comerciante de velas de cera, e casou duas vezes. Benjamin foi o 17.º filho de 20 crianças nascidas dos dois casamentos.

Deixou os estudos aos dez anos de idade e aos doze começou a trabalhar como aprendiz do seu irmão, James, um impressor que publicava um jornal chamado "The New-England Courant". Tornou-se colaborador da publicação e foi seu editor nominal, escrevendo as cartas, sob o pseudônimo de Mrs. Silence Dogood, uma viúva de meia idade. Depois de uma discussão com o irmão, Benjamin fugiu, causa que o transformou em um fugitivo da lei, indo primeiro a Nova Iorque e depois a Filadélfia, onde chegou em outubro de 1723.

Em breve encontrou trabalho como impressor, mas após alguns meses, foi convencido pelo governador Keith a ir para Londres, onde, desiludido das promessas de Keith, voltou a trabalhar como compositor tipográfico, até que um mercador chamado Thomas Denham o



Foi iniciado na Maçonaria em 1731, aos 21 anos de idade, na Pensilvânia, nos Estados Unidos, sendo um dos principais dignatários da Maçonaria Americana. Ao chegar na França, tornou parte ativa no trabalho de depuração e de unificação da Maçonaria iniciado em 1773, com a criação do Grande Oriente, em 1780.

Franklin contribuiu para muitas coisas no mundo: inventou os óculos bifocais; fundou a primeira biblioteca pública da Filadélfia; em 1752, através de observações e experiências criou o pára-raios; descobriu os fenômenos das cargas elétricas positivas e negativas; denominou termos técnicos na ciência; ajudou na Independência dos Estados Unidos; como criar uma loja virtual, fundou uma Academia na Filadélfia, atualmente conhecida como a Universidade da Pensilvânia.

Na Maçonaria foi Venerável Mestre da Loja As Nove Irmãs, sendo intitulado "Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos da América Setentrional", se destacando como um dos maiores Franco-Maçons.

Faleceu em 17 de abril de 1790 na Filadélfia, recebendo como homenagem a imagem do seu rosto nas cédulas de US\$ 100.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

OS AUTORES

CATÓLICOS X MAÇONS

Ir.: M.:I.: Fábio Costa de Oliveira Neves
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de Matemática – SEDUC-PA

RESENHA DE LANÇAMENTO DA COLEÇÃO

Ir.: M.:M.: Emanuel Tadeu Machado
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de Física – Rede Particular de Ensino

O SIMBOLISMO DA MORTE NO RITO ADONHIRAMITA

Ir.: Mário Sérgio dos Santos Nascimento
 A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Sociólogo – SEMAS

TODO MAÇOM DEVERIA SER PARECIDO COM UM LÁPIS

Ir.: M.:M.: Antônio Ricardo Borges dos Santos
 A.:R.:L.:S.: IRMÃO VALDEZ PEREIRA – 4077 – GOB-PA
 REAA – GOB

FORJANDO O VENERÁVEL

Ir.: M.: I.: Dhyego Alessandro Costa
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de História – Rede Particular de Ensino



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
 FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
 JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
 TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

BOOZ OU BOAZ?

Ir.: M.:M.: Willian Almeida de Carvalho
A.:R.:L.:S.: CAVALEIROS DA LUZ – 4048 GOB-SP
R.E.A.A. – GOB

A CORDA DE 81 NÓS

Ir.: A.:M.: Antônio Dagoberto de Jesus Rios
A.:R.:L.:S.: FIBRA E FORÇA VALENTENSE – 117 – GLEB-BA
R.E.A.A. – GLEB

O SEGREDO DO ARCO REAL

Ir.: M.:M.: João Anatalino Rodrigues
A.:R.:L.:S.: ESTRELA MOGIANA – 3293 – GOB-SP
R.E.A.A. – GOB
Professor e Advogado – Aposentado.

MEU NOME HISTÓRICO: BENJAMIN FRANKILN

Ir.: M.: M.: Lucas de Azevedo
A.:R.: L.: S.: TERESÓPOLIS PRIMEIRA – 21 - GLMERJ
R.E.A.A.
Jornalista



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
TV. PADRE EUTÍQUIO, 837